ANO 7.º LISBOA — TERÇA-FEIRA, 2 DE NOVEMBRO DE 1927 N.º 2031

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEGUNDO a nova lei da imprensa espanhola, prepara-se a criação de escolas de jornalismo. A ideia, bem recebida por uns, é combatida por outros. O *Heraldo de Madrid* manifesta-se-lhe contrario; *La Nacion* defende-a.

Em tempos não remotos, o assunto foi largamente debatido nos jornais de Lisboa. Houve o pró e o contra.

A nós não nos parecem muito necessarias tais escolas. Os conhecimentos literarios e scientificos que o jornalismo exige aprendem-se em escolas de ensino geral ou superior e até autodidacticamente. A tecnica do jornal consegue-se com a pratica das redacções. O jornalismo pertence ao numero das profissões livres: entra-se nele e sai-se dele sem diploma. Só as qualidades individuais marcam, neste ramo da escritura e estas educam-se com a experiencia. Um professor, um medico, um advogado, um militar, um engenheiro ou mesmo um simples operario, podem ter o estofo dum jornalista.

Carecem, porventura, dum aprendizado especial para conhecerem a sua vocação?

Com a pena na mão é que afirmam o seu valor. Quanto aos elementos chamados profissionais do jornalismo, o caso vem a ser aproximadamente identico.

As suas associações de classe é que devem adoptar as providencias bastantes para impedir que a profissão se converta em refugio de especies parasitas.

* * *

ESCREVE-NOS o sr. dr. Oscar Gonçalves, governador substituto do Funchal, esclarecendo um telegrama que desta cidade foi enviado ao *Diario de Lisboa*, e em que se dizia que a Meza da Casa da Misericordia "havia desconsiderado, forçando-o a demitir-se„ o sr. dr. Antonio Pita.

Não é verdade, diz-nos o sr. governador substituto da Madeira. O sr. dr. Pita não pertencia ao quadro clinico do hospital e estava ali "numa situação muito especial„. Com a entrega da administração do hospital á Misericordia, foi nomeada uma comissão administrativa. O sr. dr. Pita, que não pertence ao quadro clinico do hospital, não ficou fazendo parte da comissão "em virtude do criterio adoptado„, isto é: por não dirigir serviço algum clinico, cirurgico ou instituição medica.

"Não houve, por consequencia, agravo ou desconsideração ao distinto colega„ — diz o governador substituto do Funchal.

* * *

INFORMAM alguns jornais que, para concorrer á concessão do jogo, em Cascais, está formado pelo sr. Fausto de Figueiredo um grupo composto de elementos portugueses, belgas e norte-americanos. De fonte segura sabemos não ser verdadeira esta noticia.

* * *

COM destino às ilhas, largou esta manhã do Tejo o vapor *S. Miguel*, conduzindo 69 passageiros. Deve chegar a Lisboa entre 25 e 26, o vapor *Lima*, que traz a bordo o marechal Gomes da Costa e sua familia.

MAUS DIAS

Ninguem ousará afirmar que atravessamos uma epoca feliz, a não ser para aqueles que a fortuna colocou ao abrigo de sobresaltos e previsões funestas. O pão de cada dia custa a ganhar — hoje mais do que nunca. Dá-se até este caso tragico: ha braços que se oferecem inutilmente.

Gente laboriosa consome-se na inacção, porque escasseia o trabalho. Não citamos factos nem apontamos exemplos, visto o sudario da miseria ser vasto e andar diante dos olhos de todos.

Tambem não queremos provocar nem alentar revoltas que seriam vãs: os problemas economicos demandam iniciativas e providencias acertadas e não clamores de retorica incendiaria.

Não podemos, porém, juntar o nosso silencio ao de tantos que se acomodam e calam, por mais confrangente que seja o espectaculo do sofrimento.

Nunca houve tamanha necessidade de os bons portugueses juntarem os seus esforços, as suas dedicações, as suas ideias e o seu espirito de renuncia, a fim de criarem aquilo que um jornalista francês chama a «taboa de salvação do idealismo».

Nas horas torvas em que os odios rugem e as invejas afiam as garras, as simples palavras não bastam. Exige-se da parte de quem governa uma alta prudencia que deve traduzir-se em medidas destinadas a restabelecer o sossêgo nos animos inquietos, garantindo a cada um o emprego da sua actividade.

Tambem os particulares não podem aliviar-se de responsabilidades, confiando ao Estado o encargo de os desoprimir. O mal toca a todos e por isso cada um é obrigado a tomar o seu quinhão.

Quando os egoismos se recusam a qualquer transigencia, em vez de obedecerem ao instinto da propria conservação, preparam a sua ruina. A crise economica, que tão dolorosamente se faz sentir nos lares, não é um caso de exploração politica, mas sim uma dura realidade.

Perante ela, os discursos nada podem, excepto se a eloquencia se resolve em frutos e beneficios.

A prosperidade dos povos não se conquista com programas vistosos, nem com promessas sedutoras, aliás Portugal não ficaria áquem das nações ricas. A alegria pede uma boa alimentação, mas esta, por sua vez, não é possivel sem salarios suficientes.

Quando a produção definha como uma planta sem seiva, a riqueza escoa-se como a agua nos areais...

O CONSELHO DE MINISTROS

O GOVERNO

prorrogou a lei do inquilinato

e fixou o preço maximo do azeite

Ao fim da tarde, recebemos a seguinte nota oficiosa:

"O Conselho de Ministros de hoje resolveu prorrogar até á proxima publicação dum novo diploma, a actual legislação sobre inquilinato.

O Conselho aprovou o decreto que marca o limite maximo do preço do azeite e resolveu que fosse exercida rigorosa vigilancia sobre o respeito da lei que manda afixar os preços dos generos alimenticios.

Foram aprovadas as convenções sobre extradição e processo civil com a Tcheco-Slovaquia».

DISSE o *Diario de Lisboa*, ha dias, que na Biblioteca de Paris existem 2:500 documentos referentes á nossa historia, principalmente da época da Restauração.

Merecia realmente a pena estudá-los, e, em verdade, não falta entre nós quem o possa fazer.

Ainda ha dias tambem a "Ordem do Exercito" inseria um louvor a um oficial distinto, o sr. capitão Julio Cesar Augusto Gomes, pela dedicação e competencia com que desempenhou o cargo de director do Arquivo Historico Militar.

O caso é que, para interesse da Historia, e para precisar a acção e as responsabilidades das pessoas que directa ou indirectamente intervieram na Restauração de 1640, e consequentes incidentes politicos e militares — seria util fazer um estudo directo sobre essa documentação, e por quem de competencia especial.

* * *

O NOVO romance de Vitorino Nemésio — com este titulo — *Varanda de Pilatos* — marca um grande passo para definir o seu belo temperamento de escritor. A edição é da Livraria Aillaud.

A capa vem ilustrada com um desenho de Martinho da Fonseca.

Vitorino Nemesio faz o romance da infancia e da adolescencia — a historia dum jovem que, pelo estudo e pelo amor, rompe atravez dos misterios da vida, com a sua fé robusta de açoreano.

Linguagem da genuina tradição portuguesa.

Uma honestidade absoluta nos processos. Podemos assegurar a Vitorino Nemésio um exito absoluto.

* * *

NO *Diario de Noticias* insiste o sr. tenente-coronel Cifka Duarte, presidente do Aero-Club de Portugal, na necessidade de se criar um campo de aviação em Lisboa.

Neste momento de plena actividade da Aviação Comercial, em que já se vôa todos os dias, entre Lisboa e Madrid, não se explica que a capital portuguesa esteja separada do seu aerodromo por um longo e massador percurso.

* * *

NO Ateneu Comercial de Lisboa, funcionam já as aulas do curso profissional elementar de comercio que tão util tem sido para muitos rapases desejosos de ampliar a sua educação.

A direcção do Ateneu comunica-nos que, na sua ultima sessão, resolveu admitir a matricula nesse curso dois protegidos do nosso jornal. Aceitando o gentil oferecimento, apresentamos-lhe os nossos agradecimentos.

* * *

NO gabinete do ministro do Interior tomou esta tarde posse do cargo de director da Imprensa Nacional, o sr. coronel Dias Antunes, comandante de caçadores 7.

* * *

CONTINUA doente, de cama, o nosso querido amigo Pedro Bordallo Pinheiro, director tecnico do *Diario de Lisboa*, que melhorou um pouco de ontem para hoje.

Pelos teatros

«Mademoiselle Pouche»

Referindo-se á interessante comedia «Mademoiselle Pouche» e depois de ter dito que ela obteve, no Teatro do Gimnasio, um grande exito escreveu o brilhante cronista Antonio Ferro, o seguinte, com respeito ao seu desempenho:

«Palmira Bastos representou muito bem, com «nuances» com desdobramento, numa interpretação cheia de contrastes, com bom e mau tempo, com as quatro estações do ano... Inteligencia e estudo. Alexandre de Azevedo foi um galã de moldes romanticos. Uma grande projecto sobre a plateia. Trabalho elegante e correcto. Constança Navarro, intencional e graciosa na autentica «Mademoiselle Pouche». Uma figurinha bem desenhada que fica como um passo firme na sua carreira. Henrique de Albuquerque, com um desembaraço simpatico, com uma naturalidade insinuante. Maria Corte Real é mais bonita quando não se zanga... Jorge Grave, com a inconsciencia necessaria. O publico manifestou-se, nos finais dos actos, a favor da peça e da interpretação».

A corroborar esta apreciação o publico tem afluido ao Teatro do Gimnasio, em enorme concorrencia, tornando as representações de «Mademoiselle Pouche», que hoje volta á scena um autentico exito, dos mais brilhantes e entusiasticos, na actualidade.

Ema e Irma Grammatica

São 7 as recitas que as duas grandes actrizes Ema Grammatica e Irma Gramatica e a sua grande companhia dramatica italiana, vão dar no Teatro S. Luis. Entre o repertorio figuram as seguintes peças: «Le Medaglie della vecchia signora», de Barrie; «Sogno de um mattino di primavera», de D'Annunzio; «Israel», de Bernstein; «Hedda Gabler» e «Casa de bambole», de Ibsen; «Menzogne», de Winnicenko; «Teresa Raquin», de Zola; «Travestiti che ballano», de Rosso de Sansacondo; «Casa Paterna», de Sudermann; «L'ombra», de Nicodemi; «La Vergine Folle», de Bataille; «La Nemica», de Nicodemi, e outras, entrando nalgumas as duas grandes artistas Emma e Irma Gramatica que representarão juntas.

«Tournée» Lina Demoel

Está já organizada uma interessante companhia de revistas, em moldes modernos, composta de 18 figuras, com um brilhante reportorio, que parte brevemente para a provincia levando á frente o nome da brilhante «estrela» Lina Demoel, figura de grande relevo, no nosso teatro ligeiro. A «tournée» Lina Demoel tem recebido das empresas dos principais teatros do pais e vantajosos convites. Leva um magnifico guarda-roupa, scenarios modernistas e é dirigida pelo actor Holbeeke Bastos.

Atraz do reposteiro

Deve trabalhar no proximo mês de Janeiro num dos teatros de Lisboa, a Companhia de «Revue Nègre» que fez grande sucesso em Paris, ha dois anos.

Não tendo ficado concluida a montagem da revista «Yo me caso con usted», só amanhã no Teatro Salão Foz se realiza a estreia da grande companhia espanhola «Arte Moderno», composta de 20 artistas.

—Continua trabalhando em S. Paulo, Brasil, a Companhia Chabi Pinheiro-Leopoldo Froes, tendo já representado as peças «Rosas do Outono», «O sr. dr. e seu marido» e «Sua esposa».

—No teatro Carlos Alberto, do Porto, continua em scena, com enorme sucesso, a opereta «O garoto da Ribeira». Seguir-se-ha no cartaz a comedia lirica «A gran-duqueza e o criado de quarto».

—Hoje e amanhã são, definitivamente, no teatro da Trindade, as duas ultimas noites em que se exibe, depois da representação da comedia «O fauteuil 47», pela companhia Lucilia Simões-Erico Brega, a bailarina nua indo-china Lea Niako.

—No Teatro do Gimnasio continuam os ensaios do original «A noite do Casino» de Ramada Curto, que seguirá á comedia «M.elle Pouche», ainda em pleno sucesso.

—A bordo do «Massilia» chega hoje ao Tejo o grande bailarino russo Sacha Gondine, acompanhado pelos artistas da sua notabilissima «troupe», regressados de uma gloriosa «tournée» pela America do Sul, onde obtiveram o mais ruidoso e formidavel sucesso.

—Foi coroada de grande exito a estreia ontem efectuada no Coliseu dos Recreios, dos equilibristas em escada livre Vilviaris.

—Amanhã estreia-se no Odeon um filme de grande classe, «A Torrente» cuja primeira figura é interpretada pela grande actriz Greta Garbo.

TIVOLI
A's 21
UMA MULHER MODERNA
A Sinfonia duma Capital

A SEMANA DO PORTO

NOTAS
ECOS E COMENTARIOS
do que se passou na capital do Norte

Guedes de Amorim — bizarro escritor modernista, que um sonho insatisfeito de triunfo anima — realizou ultimamente, pela Radio-Porto, uma interessantissima conferencia subordinada ao titulo *A Beleza da Velocidade*, em que a bizarria da sua feição intelectual se expandiu largamente, em motivos originais e pitorescos.

E' com prazer que registamos o sucesso alcançado por Guedes de Amorim — porque nos foi sempre consolador vêr um novo suscitar, em torno da sua personalidade, as atenções do publico.

A conferencia—curiosa, pitoresca, marchetada de interessantes paradoxos e dum exotico colorido de modernismo scintilante — teve fóros de sensacional no citadino meio intelectual portuense. Guedes de Amorim conseguiu marcar um sucesso. E' esta a verdade — e a verdade manda Deus que se diga...

Greve original

No domingo passado não houve nenhuma missa na Igreja da Trindade porque os padres, solidarisando-se com um colega que havia sido dispensado da irmandade, declararam-se em gréve! Isto não é *blague* — é a expressão pura da verdade. Custa acreditar em tal facto, é certo — mas contra factos não ha argumentos. Os entusiastas das reivindicações sociais devem estar a estas horas bem satisfeitos por terem encontrado, no meio eclesiastico, bons camaradas...

Como nas almas de muitos crentes deve ter diminuido a chama ardente da fé...

A missão desses padres deixa, assim, de ser divina para entrar no campo das realizações materialistas e indisciplinadas...

Teatros

O Carlos Alberto — o velho e popular teatro tripeiro —, alindado, modernisado, com todo o conforto e uma vida nova, renasceu, alfim, para a continuação das suas glorias teatrais do antanho. E foi um grupo de homens — não desses empresarios profissionais que só têm a mira no interesse chorudo —, de firmes forças de vontade e de inquebrantaveis energias, que deu realização a essa bela obra, a que o publico do Porto tem sabido corresponder galhardamente.

A inauguração fez-se com a pitoresca opereta de costumes tripeiros *O Garoto da Ribeira*, original dos ilustres comediographos portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, sugestivamente musicada pelo distinto maestro, tambem portuense, Bernardo Ferreira, á qual a Companhia Cremilda de Oliveira deu uma excelente interpretação.

O Garoto da Ribeira é uma obra teatral expontanea e sincera, magistralmente teatralisada, interessantemente conduzida, com personagens verdadeiras, colhidas e focadas no seu proprio ambiente e transladadas para o palco com naturalidade e realismo; é uma peça movimentada, dum justo caracter regionalista, cheia de minuciosos detalhes que, revelando exuberantemente o poder de observação dos seus autores, dá a nota real e exacta do meio em que decorre a sua acção, que é das mais interessantes e atraentes. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa — consagrados homens de teatro — escreveram uma peça que honra sobremaneira os seus nomes notaveis, á qual o mestre de teatro Antonio Gomes emprestou o melhor da sua competencia de ensaiador e todos os artistas — especialmente Cremilda de Oliveira, Irene Gomes, Maria Pinto, Vina de Sousa, Sales Ribeiro, Antonio Gomes, Jorge Gentil e Adolfo Sampaio — o melhor da sua arte e do seu cuidado scenico.

A mais extraordinaria nota está no facto do — e ainda isso se regista — se esgotar completamente todas as noites a lotação do teatro, como não ha memoria no nosso meio teatral.

Recentemente, tiveram Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa uma recita de homenagem, na qual lhe fôram oferecidas, por um grupo de amigos, as condecorações do oficialato de S. Tiago com que acabam de ser justissimamente agraciados. Foi uma noite de linda festa, a que se associou toda a cidade. O teatro encheu-se por completo dum publico que fez aos homenageados vibrantissimas ovações, que atingiram o delirio por vezes, sobretudo quando lhes foi feita a imposição das condecorações. Fôram momentos de funda emoção.

O sr. ministro da Instrução fez-se representar pelo sr. dr. Campos Monteiro, tendo tambem assistido as autoridades civis e militares e a Camara Municipal.

Em nome do grupo de amigos de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, promotor da festa, falou o autor destas linhas, que traçou o perfil intelectual dos homenageados e se referiu á sua obra honesta e rescendente do mais belo espirito nacional. Falou o melhor que poude — mas com a sinceridade e a justiça a que eles tinham direito.

EDURISA

A CARIDADE

Promete ser deslumbrante o espectaculo que o Grupo de Beneficencia Pela Verdade, realiza na proxima segunda-feira, no teatro Joaquim dAlmeida, cujo produto se destina a vestir creanças pobres suas protegidas, no dia da Festa da Familia. O programa, organisado a capricho, compõe-se, além da engraçada comedia «Situação complicada», desempenhada por distintos amadores do Grupo Dramatico Gil Vicente, dum acto em que os queridos cultivadores da Canção Nacional, Julio Proença, Joaquim Campos e Filipe Pinto e dos apreciados guitarristas Herculano Rodrigues e Abel Negrão que se farão ouvir nos seus aplaudissimos fados e os eximios concertistas Alfredo Camecelhas e Abel Negrão deliciarão o publico com as suas variações a guitarra e viola.

Andino Abreu

O distinto baritono brasileiro Andino Abreu dá na proxima quinta-feira, 24, no teatro S. Carlos, um concerto, que está despertando grande interesse nos meios musicais. Os bilhetes estão já á venda.

Os nossos pobres

Para a nossa protegida Julia Felgueiras recebemos; de F. L. 20$00; do Um anonimo 5$00; de Leitor anonimo 5$00; de M, A. 2$50.

—Para o pobre pai que perdeu um filho por falta de alimento, recebemos tambem 10$00.

Agradecemos.

Teatro Salão Foz
Empresa e direcção artistica de Artur Emauz
AMANHÃ — Inauguração da Temporada de Inverno
Matinée ás 15 — ESTREIA da revista espanhola — Soirée ás 21
"YO ME CASO CON USTED"
com que se apresenta em Lisboa a famosa Comp.ª de Revuettes e Zarzuelas
20 ARTISTAS Arte Moderno 10 GIRLS

Mundanismo

Casamentos

Realizou-se no sabado passado, na igreja dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Carlota Afonso de Carvalho, filha do coronel-veterinario Antonio Afonso de Carvalho (ja falecido) e da sr.ª D. Faustina Afonso de Carvalho, e irmã do capitão sr. Mario Afonso de Carvalho, ilustre publicista, e do alferes sr. Antonio Afonso de Carvalho, ajudante do comandante da G. N. R., com o sr. Angelo de Azevedo Ferreira, funccionario da casa Burnay, filho do sr. Luis Ferreira (ausente) e da sr.ª D. Amelia de Azevedo Ferreira, e irmão do nosso camarada na Imprensa e colaborador do «Diario de Lisboa» sr. Reinaldo Ferreira, «Reporter X».

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Alice Silva Ramos e o coronel sr. Alfredo Ernesto Maltez Pico, e por parte do noivo, a sr.ª D. Luisa Teixeira Bastos e o nosso colaborador Reinaldo Ferreira.

Após a cerimonia religiosa, houve um delicioso «copo de agua» na residencia do alferes sr. Antonio de Carvalho, seguindo os recem-casados, em viagem de nupcias, para o Norte.

—Em capela armada em uma das salas da residencia do sr. Conde de Almerjão, em Bemfica, realizou-se com muita intimidade o casamento de sua filha D. Julia, com o engenheiro sr. José Guerreiro de Sousa, filho do director do nosso colega «A Voz», sr. Conselheiro Fernando de Sousa, sendo o acto celebrado pelo prior de Bemfica, reverendo Francisco Maria da Silva, seguindo-se a missa rezada pelo reverendo Marques Soares. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Findo o acto religioso foi servido no salão de meza da elegante residencia um fino «lunche», partindo os noivos depois para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para a França.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, no dia 19, a sr.ª D. Maria Matilde Macieira de Araujo Coelho, esposa do distinto clinico e ilustre assistente da Clinica Medica na Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Eduardo Araujo Coelho.

Mãe e filha estão de perfeita saude.

Pontos de reunião

No São Luís

De dia para dia vai aumentando a procura de assinaturas para as sete recitas que a magnifica companhia de declamação italiana, da qual fazem parte as notabilissimas vedetas de teatro italiano, Ema e Irma Grammatica, que pela primeira vez vêm a Lisboa, e que se estreiam no proximo dia 25 do corrente, com uma peça de grande interesse. Com a vinda desta Companhia vão, decerto, voltar ao São Luis, as noites de arte e elegancia.

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á recita da moda de ontem:

Condessa de Farrobo, D. Joana São Mamede Teixeira, D. Julia Serodio, D. Palmira da Costa e Silva, D. Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Aida de Avila de Freitas Branco, Madame Pavão, D. Julia da Fonseca, D. Maria Emilia Pinto Teles de Andrade e filhas, D. Maria Julia de Almeida Pinto e filha, D. Maria da Conceição de Eça Ferreira, D. Maria Francisca de Azevedo e filha, D. Maria Alice de Vasconcelos, D. Maria Emilia Pais de Faria de Macedo, Mesdemoiselles Costa Pinto, etc.

Em viagem

Os srs. Condes de Bettencourt regressaram de Louzada, á sua casa na Foz do Douro.

—Regressou de Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena e seus filhos, o sr. Filipe de Vilhena.

—A' sua casa em Lisboa, regressou de Caxias, a sr.ª D. Rita Ferrão de Mascarenhas.

—Encontram-se em Lisboa, hospedados no Hotel de L'Europe, Mrs. Breeks, W. Bluew, Emil Spira e Prince Eloy.

—Com sua familia regressou de Cintra o sr. Possidonio de Castro.

Trigo exotico

Chegou, sabado, ao Tejo o vapor "Dalworth„ com um carregamento de trigo para a Moagem Matriculada Independente do Pais.

Este carregamento de excelente trigo Hard Winter n.º 2, do Pacifico, é o primeiro a chegar ao Tejo, por conta da importação autorizada para o presente ano cerealifero, e foi adquirido á Continentale Grain Company, de New York, de quem é agente em Portugal a firma Manuel José da Silva, Ltd.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

Prevenção
Na casa Bon Marché da Praça dos Restauradores, 26, por t r que fazer obras na sua casa de vendas e nos atelieres, está a saldar toda a existencia de inverno, como sobretudos prontos a vestir desde 185$00 e para criança desde 77$00, ha fatos na mesma proporção de preços, completo sortido em gabardines desde 250$00. Não deixem de visitar esta casa que é quem mais vantagens oferece de momento.
Telefone Norte 2964

PORTUGAL LA FÓRA

A propaganda do nosso paiz no estrangeiro e as conferencias

Mostrámos como, por meio das suas variadas e interessantes publicações, a Sociedade tem conseguido levar a toda a parte o conhecimento da sua existencia, e, sobre tudo, da incomparavel soma de atractivos que Portugal possue e pode oferecer á contemplação dos turistas; mas não se tem ela limitado a esses meios, e outros não menos eficazes tem utilizado sempre que o ensejo e oportunidade se lhe oferecem para conseguir os seus patrioticos fins.

Assim, por meio de conferencias, quasi sempre acompanhadas de projeções luminosas, tem procurado, quer na sede em Lisboa, quer em varios centros estrangeiros, fazer realçar as belesas do nosso país e dispertar o maximo interesse por que ele seja visitado.

Por intermedio do seu "bureau„ de Paris, de que nos ocuparemos em artigo especial, tem esse serviço sido desempenhado com especial competencia em varias cidades da França, pelo sr. Chagas Franco, professor de lingua e literatura portuguesas, cadeira que pelo mesmo "bureau„ foi criada na Universidade de Rennes.

Essas conferencias, em geral executadas com interesse pelo mundo culto das localidades, teem sido acolhidas com entusiasmo por toda a parte, e a imprensa local, tornando-se eco das mesmas, encarrega-se de completar as designios da S. P. P., divulgando por toda a região o nome de Portugal, acompanhado de referencias que muito o teem valorizado e muito o teem lisongeado.

Ao vice-presidente da sua direcção, sr. conde de Penha Garcia, deve a S. P. P., além de muitas outras provas de dedicação, o mui valioso e patriotico serviço de varias conferencias no estrangeiro. Realizou s. ex.ª, no periodo da Guerra, em diferentes sectores da Suiça, perante um publico constituido por internados franceses e belgas e numerosa população civil, conferencias acompanhadas de projecções luminosas, sobre motivos portugueses, relativos á parte monumental, turistica e de usos e costumes, conseguindo a palavra fluente do ilustre conferente dar, naquelas sessões, a impressão de pequenas visitas ao nosso país.

O sistema das conferencias tambem tem sido adoptado noutros paises; assim na Alemanha o sr. Singlemann, correspondente da S. P. P., muito conhedor do nosso país, durante bastantes anos realizou conferencias em varias cidades do seu país, para o que se lhe forneceram todas as indicações e elementos indispensaveis.

Na Inglaterra, entre outras, tornam-se notaveis as series de conferencias realizadas em Manchester e outras cidades, pelo correspondente da S. P. P., Mrs. Eastword; um apaixonado por Portugal, que durante bastantes anos nos visitou, levando sempre daqui centenas de dispositivos com que ilustrou as suas conferencias, e fez realçar as belesas do nosso país.

E para finalizar esta serie de citacões, referir-nos-hemos á recente viagem aos paises da America do Sul, realizada pelo director do "bureau„ de Paris, sr. Guerra Maio, que de acordo com a C. P. ali foi realizar varias conferencias, mostrando a facilidade de comunicações com o centro da Europa pelo porto de Lisboa e "Sud Express„, e ao mesmo tempo valorizando os recursos do nosso país, e enaltecendo as suas belesas naturais, artisticas e monumentais.

PENSÃO TIVOLI
Tel. N.º 987 — Av. da Liberdade, 180 - LISBOA
Excelente serviço de cosinha domestica — Optimas e higienicas instalações

O ALEMTEJO

A Serra de Portalegre

Niza e Castelo de Vide

Foi de automovel que passei da Beira Baixa para o Alemtejo, pela estrada que vai de Castelo Branco a Niza.

E' interessante a transição lenta da paisagem, nesse caminho coleando entre montes, em curvas perigosas. O Ocreza, o Tejo e a Ribeira de Niza alegram os aspectos com a frescura das suas aguas.

As Portas de Rodam marcam o ponto mais belo da estrada, com as altas montanhas que abrem passagem ao rio, num pitoresco scenario. Ali se contempla mais uma das encantadoras variantes do Tejo, correndo entre ribas elevadas e separando o Alemtejo da Baixa.

Perto de Niza, subimos á capela da Senhora da Graça, onde ficava situada a Niza antiga dos Templarios, cuja origem anterior se perde em remotos tempos, e donde se disfruta um belo e vasto panorama. A capela é curiosa pela sua antiguidade.

A Niza actual, a meia legua da antiga, conserva muralhas e torres, portas e edificios, que recordam a sua fundação no reinado de D. Diniz. Com as suas velhas igrejas,—a Matriz, a do Espirito Santo e a do Calvario, com o lindo pulpito exterior recortado em pedra,—a vila tem o caracter tradicional, testemunhando o passado que enobrece no tempo e na historia.

Não cabe aqui contar as tradições vizenses, que, de resto, foram largamente e excelentemente descritas no livro do falecido dr. José Diniz da Graça Mota e Moura—"Memoria Historica da notavel vila de Niza„—mas direi, de passagem, dirigindo-me especialmente aos nossos arqueologos, que me consta que pensam, em Niza, em destruir a porta de Montalvão, invocando a necessidade de quaisquer novas construções,—o que será realmente uma pena, pois tanto a porta de Montalvão, como a porta da Vila deveriam ser cuidadosamente conservadas, como tudo o que nas povoações portuguesas existe de caracteristico.

Em Niza, encontram-se ainda costumes curiosos e dignos de registo, como por exemplo, não se fecharem, durante o dia, as portas das habitações, mesmo dos mais ricos, por considerarem, ali, que uma porta fechada significa ser pouco hospitaleira a casa e denuncia menos caridosos sentimentos.

Vi, na missa, as mulheres embiocadas em mantéus redondos, de pano preto, usando com graça esse velho traje.

Nos poucos dias que estive em Niza, as pessoas amigas que tão gentilmente me receberam, proporcionaram-me passeios interessantissimos. Visitámos as "barragens„ da ribeira de Niza, cujos importantes trabalhos prosseguem activamente e hão de fornecer energia electrica, que levará o progresso da sua iluminação a numerosas povoações. Só isso daria um longo artigo a quem dispuzesse de tempo e apontamentos minuciosos.

Pude fazer uma ideia rapida da região numa larga volta de automovel por Castelo de Vide, Marvão e serra de Portalegre. A paisagem alemtejana, com os seus "montes„, os seus terrenos pedregosos, em que os sobreiros e carvalhos se desenvolvem belos e fortes, muda por completo em Castelo de Vide, onde a vegetação se torna exuberante, as nascentes brotam refrigerando a terra, e as matas de castanheiros e as quintas bem tratadas e floridas mais uma vez sugerem a comparação com Cintra. Entrámos na quinta da serra e depois atravessámos a vila, de que apenas tive uma ideia geral, mas que me pareceu muito bonita no seu ninho de verdura, pelo local privilegiado e pela formosissima vista que dali se alcança alongando-se o olhar por terras do Alemtejo e de Espanha e pelos recortes dos penhascos um dos quais se ergue a capelinha da Senhora da Penha.

E' linda tambem a estrada de Castelo de Vide e Marvão.

Detivémo-nos a dois quilometros da antiga praça forte, que se destacava empoleirada nas suas muralhas naturais, envelhecida e pitoresca, e novamente contemplámos o panorama explendido á luz clara dum admiravel dia de outono. A brancura das povoações animava o circulo extensivo que os nossos olhos abrangiam encantados e que nos revelava, mais uma vez, a belesa deste Portugal tão pequenino, mas tão cheio de maravilhas.

Descemos, em seguida, ao parado de Marvão, cultivado e fertil, atravessámos Portalegre, que mesmo numa breve passagem nos apresenta o seu cunho antigo e começámos a volta da serra, realmente deliciosa.

Toda esmaltada pelas alvissimas habitações, que destacam na verdura, parece um jardim em que tivessem pousado bandos de pombas. O ar puro da serra, a abundancia da cal alegrando as paredes e o murmurar da agua limpida pelas encostas, formam um conjunto duma salubridade risonha e idilica. Tem tudo um ar lavado, fresco e sereno. E' a serra amenisada, sem tristeza nem severidade.

Regressámos a Niza, depois de dada essa volta da serra, passando de novo por Portalegre e tomando a estrada que segue pela Bôa Vista, Fortins e Alpalhão. Essa estrada tem belos trechos ladeados de sobreiros e outros de oliveiras. Se este exemplo se fôsse espalhando constituiria uma receita apreciavel para o Estado.

E nestas minhas peregrinações vou aprendendo a admirar cada vez mais a terra de Portugal.

Maria de Carvalho

COISAS DA CIDADE

A numeração das nossas ruas e a actual lei do inquilinato

Lisboa, como todas as cidades pobres, e de larga area, á qual nem sempre a atenção do Municipio pode valer, ou, quando vale, não logra acôrdos — tem sempre que reclamar. A's vezes, com razão.

Damos abaixo duas ou três notas curiosa, que são objecto de cartas de amigos nossos.

A numeração da Avenida da Republica...

Sucede que nesta grande arteria, a principal das chamadas Avenidas Novas, a numeração que começa na Praça Duque de Saldanha, tem aspectos curiosos:

N.º 1, e depois n.º 1-A, n.º 1-B, n.º 1-C, etc. Segue a numeração, com sucessivas duplicações de letras do alfabeto, até chegar ao inverosimil.

Por exemplo, os n.os 35 e 47 vão até á letra J. E' o 35-A, 35-B, 35-C, 35-D, etc., etc.

O inconveniente que isto trás para os moradores e até para os correios — é enorme.

Porque se fez isso assim?

Porque havia predios em construção, ruas a abrir, obras por concluir.

Mas até á Rua Elias Garcia já tudo está normalizado e definitivo. Porque não se compõe a numeração exacta e simples de uma vez?

Eis um pedido dos nossos leitores daquela area.

* * *

Ha, a partir da Rua do Arco do Cego, uma ruazinha chamada «Rua Eiffel», ou como lhe dizem: Rua da Torre Eiffel. E' uma designação que não se compreende muito bem, visto que a Rua da famosa Torre Eiffel... é um bêco sem saída, e onde a moral publica, informa-nos, á noite, como nos jardins escusos, deixa muito a desejar.

Uma recomendação para a Camara — pedem-nos. Ela aqui fica.

* * *

Ha dias assistimos a uma scena de grande simplicidade e significação: uns estrangeiros tiraram fotografias de detalhes do monumento dos Restauradores, onde faltam letras ou ha mutilações de ornamentos em bronze.

Não tem realmente uma importancia qor aí além, essas legendas de onde caíram letras, ou os escudos de onde voaram as corôas.

Mas, agora que se aproxima o 1.º de Dezembro, não podiam a Camara ou a Comissão das festas patrioticas, empenhar-se no sentido de colocar no Monumento os pedaços de bronze que lhe faltam, para que as legendas estejam perfeitas, e os detalhes não ofereçam um aspecto de mutilação, a acusarem a passagem da metralha de antigas revoluções?

* * *

O inquilinato... Eis uma carta recebida:

«Pedimos o auxilio da imprensa no sentido de se conseguir do Governo a prorogação da actual lei do inquilinato, ou que seja promulgada outra lei, isto sem demora, pois que o dia 1 de Dezembro está á porta, e a maioria do país está preocupada com o que ha de vir.

O ano passado, a prorogação, fez-se a 6 de Novembro. Já estamos a 22, e até agora, nada». Assina um grupo de inquilinos.

Supômos que o assunto não tem desmerecido a atenção do sr. dr. Manuel Rodrigues, e que a publicação da lei, de maneira que não descontentará, certamente, os inquilinos, não se fará esperar.

No Coliseu
O sucesso dos novos numeros do programa

Estrearam-se ontem com enorme exito no Coliseu dos Recreios, os distintos artistas Vieviaris, que executam com o pasmo de toda a assistencia uma serie de exercicios de equilibrio sobre escadas apoiadas em pontas de punhais por meio de esteras metalicas. Este numero sensacional, com os novos trabalhos do "dresseur„ Carré, veio dar ao programa do Coliseu um novo atrativo que o publico muito apreciará.

Teatro S. Carlos
Quinta-feira, 24
CONCERTO DO BARITONO BRAZILEIRO
Andino Abreu
Acompanhamentos ao piano por Campos Coelho
Piano Becksstein
Bilhetes á venda na Casa Sasseti, Oliveira e Neuparth e na bilheteira do teatro

Seguros Contra Assaltos, Greves e Tumultos
Fazem em Companhia Ingleza
Luiz Pizarro, Ltd.
R. da Magdalena, 49, 3.º

HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE
O clima mais saudavel da linha de Cascais para a estação de inverno
Aberto todo o ano
Correspondencia a CONSTANTINO MOLLE
Telefone: Carcavelos 85

Dr. G. de Brito Chaves
— R. ROSA ARAUJO, 8-A —
Consultas ás 16 h. — Tel. N. 4696

DR. JOSE DE PADUA
RETOMOU A CLINICA
Coração e pulmões—Raios X
Clinica medica—Electroterapia
P. dos Restauradores, 65, 2.º, E.
CONSULTAS DAS 2 1/2 A'S

O DIARIO DE LISBOA é o jornal da noite de maior circulação.

A' VOLTA DE GENEBRA

O GENERAL Freire de Andrade fala-nos do futuro das nossas colonias

O sr. general Freire de Andrade regressou ante-ontem de Genebra, onde esteve durante alguns dias, representando o nosso país na Comissão de Mandatos.

O sr. general Freire de Andrade responde, resumidamente, ás preguntas:

— A sessão deste ano foi uma sessão serena, calma e proveitosa. Já tive ocasião de dizer que os trabalhos da Comissão de Mandatos são, sobretudo, trabalhos de analise e de critica. Analise e critica dos relatorios colocadas sob mandato estão sendo um vasto e fertilissimo campo de experimentação, da qual saírá a sciencia colonial nova. Muito temos que aprender com o que lá se vem fazendo. Só com esses ensinamentos e algum juizo poderemos chegar a conclusões, pelo que respeita aos nossos dominios de além-mar.

— Este ano...

— Fôram apresentados relatorios por delegados dos governos de Inglaterra, da Belgica, do Japão. Todos interessantes.

— Os mais interessantes...

— Os dos belgas. Pelo menos para nós. Os seus processos de administração e de politica colonial são os que mais e melhor podem servir-nos. O documento que diz respeito á obra realizada na Tanganika, e que nos foi presente, é uma coisa admiravel. Modelar, direi mesmo.

O sr. general Freire de Andrade foi acrescentando:

— Vê-se por aí o que é uma administração rigorosa. Ha, por todo ele, elementos preciosissimos. Exemplo, o que se refere a funcionalismo.

«O relatorio a que me refiro diz, claramente, insofismavelmente, que os respectivos funcionarios, os altos funcionarios e o funcionalismo, de uma maneira geral, ganham metade do que ganham os nossos. E' assim mesmo. E creia que se nós não quizermos, ou não podermos, aproveitar a lição, ficaremos mal. Sem uma redução nos vencimentos dos servidores que o Estado tem nas colonias, nada feito. E' primeira condição e condição essencial.

Outro assunto:

— Adiantando-se a possiveis sugestões da Comissão de Mandatos, porque essas coisas lá fóra fazem-se a tempo e horas, o Governo da Nova Zelandia mandou proceder a um inquerito rigoroso aos actos do delegado na Samóa.

— De Portugal...

— Fômos apenas, como deviamos, espectadores.

— A questão com a União Sul Africana?

— Creio que na mesma. Parada. Não me parece facil que surjam alterações rapidamente.

CAMBIO OFICIAL

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1/2 0/0 1923	710$00
» Externas 1.ª serie	726$00
Acções do Banco de Portugal	745$00
» do Banco Lisboa & Açores	545$00
» do Banco Comercial de Lisboa	408$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	225$00
» da Companhia dos Tabacos	1:470$00
» da Companhia do Gaz, 1922/23	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

A libra cotou-se: cheque, c., 94$75; ouro, c. 99$00, v. 102$00.

A SEGUNDA

"Matei-a porque

DISSE AUGUSTO

durante o int

Todos os jornais que, além do seu pensamento politico, da sua orientação doutrinaria, ou dos seus processos de factura, têm tambem o dever de servir o publico, fornecendo-lhe, imparcialmente, a informação que interessa — dão o maior relevo á reportagem e impressões do julgamento do homem que matou a actriz Maria Alves.

E nota-se que, como é, aliás, timbre da imprensa portuguesa, por muito mal que dela digam algumas pessoas — os aspectos mais crús, as passagens mais duras da audiencia, fôram eliminados, pelo natural e experimentado bom senso das entidades que superintendem nos serviços.

O publico escusa de se deslocar até á Boa-Hora, acanhada e sombria, para conhecer os aspectos do julgamento, e aquilatar do grau de responsabilidades que vão sendo atribuidas, no decorrer da audiencia, aos dois acusados. A acusação e a defeza têm nos jornais eco das suas palavras, afirmações e requerimentos.

Ao proprio réu não se lhe nega repercussão da sua desesperada defeza. E esta maneira de servir o publico, sem necessidade de especulação, serve, afinal, tambem a causa, segundo perentorias declarações, ontem, do digno Juiz-Presidente, dr. Magalhães Barros, e dos distintos advogados que intervêm na apreciação da causa.

Não se dirá nunca que este crime, que impressionou altamente o país, pelas circunstancias em que foi praticado, ficará circunscrito ás quatro paredes do rectangulo do Tribunal, e a pequenos extractos parciais ou inexpressivos.

E assim está certo.

A audiencia de hoje

O julgamento de Augusto Gomes pede Vasconcelos e Sá — pede *carnet* mundano. *Entre a elegante assistencia, recorda-nos ter visto...*

De facto, muito antes de abrir a audiencia, as primeiras bancadas já estão cheias de senhoras. Um chapeu *grenat* — que lembra o chapeu abandonado de Maria Alves... Alguns casacos de peles — exactamente da mesma côr do casaco de Maria Alves...

Enquanto não reabre a audiencia, conversa-se animadamente na sala. Conversa-se de tudo um pouco: de teatro e de modas, de politica e de arte.

A's 12 e 30, como por encanto, terminam todas as conversas. Augusto Gomes acaba de entrar. O advogado de defeza aproxima-se e troca algumas palavras com o acusado. Augusto Gomes continua sereno, tranquilo — senhor do seu papel de réu.

O *chauffeur* João Fernandes senta-se a seu lado. Não se olham. Enquanto Gomes conversa com o advogado, João Fernandes nem pestaneja. O mesmo olhar baixo, a mesma atitude modesta, comprometida. Comprometida quere dizer — pouco á vontade.

De quando em quando, ouve-se:

— Oh, Leal! Oh, Méga!

São os dois oficiais de diligencias que circulam, incansaveis, arrumando a sala.

A' uma menos dez — exactamente, solenemente — o Tribunal Colectivo fica constituido. Os três magistrados sentam-se — com gravidade.

O dr. Magalhães Barros toca a campainha — e a audiencia começa...

Prossegue o interrogatorio

Augusto Gomes levanta-se e toma a posição de sentido. Prossegue o interrogatorio.

O juiz-presidente insiste sobre os factos que se pasaram no Porto, para demonstrar a premeditação.

— Tinha a intenção de matar a Maria Alves quando chegasse a Lisboa...

Mas ha factos tambem passados em Lisboa. Alguns não têm as 24 horas de antecedencia que a lei exige, mas são o corolario dos outros e podem considerar-se elementos constituitivos da premeditação.

O juiz-presidente: — Ameaçou ou não de morte a Maria Alves?

O réu: — Já disse ontem a V. Ex.ª. Era para a intimidar... Quantos amantes não farão o mesmo ás suas amantes, sem intenção de matar!?

Mas voltamos ao Porto. Augusto Gomes recorda o incidente passado com o sr. Carlos Alves, para dizer que se tinha formado ali uma atmosfera contra si, proveniente da defeza que muitas pessoas faziam do sr. Carlos Alves — que chegou a ser apontado como possivel autor do crime.

A certa altura, afirma:

— Eu mesmo declarei á Policia: «Carlos Alves é incapaz de fazer tal coisa... E' um terrivel D. Juan, capaz de seduzir uma mulher honesta, mas incapaz de matar...»

E prossegue:

— Os amigos dele, para o defender, é que me compromoteram!

Regressamos a Lisboa. O réu continua a afirmar que as ameaças dirigidas á actriz Maria Alves tinham apenas o proposito de a intimidar e não constituem uma premeditação.

O juiz-presidente: — O que se passou entre o réu e o *chauffeur* João Fernandes na vespera do crime?

Augusto Gomes não responde logo a esta pergunta. Relata ainda uma historia — tem sempre uma historia para contar.

Reedita as declarações que fez:

«— Maria, tu queres ter a lealdade e a franqueza de me dizer o que se passou no Porto?

«— Vamos á 2.ª sessão do *Maria Vitoria*. Eu quero desabafar contigo — quero tomar ar... — respondeu ela.

A noite de crime

O juiz-presidente: — E porque escolheu o carro de João Fernandes?

O réu: — Porque era uma pessoa intima, porque sabia de toda a minha vida...

O juiz-presidente: — Mas o sr, ia preparado para tudo, quando se meteu dentro do «taxi»... O sr. tinha-a ameaçado varias vezes: — «Se eu venho a saber que me és infiel, mato-te!»

Augusto Gomes defende-se. O juiz insiste.

O réu: — Se eu quizesse matar a Maria Alves, não a levaria para o Campo Grande, levava-a para um lugar ermo, levava-a para o mar...

— Porque quiz falar em segredo com o *chauffeur*, quando o procurou?

— Para que as outras pessoas não soubessem da minha vida...

— Mas o sr., que fala tão alto, dessa vez falou baixinho — porque ninguem ouviu...

Ha o pormenor das cortinas corridas. Augusto Gomes explica como se passou a scena. O réu eleva a voz. O juiz-presidente diz algumas palavras bem educadas — e o réu torna-se humilde.

Um tipo de resposta do réu:

— V. Ex.ª, sr. dr. juiz, pode ter muita razão, mas eu digo-lhe sinceramente...

Ou então:

— Eu devo dizer a V. Ex.ª que falo com toda a franqueza...

O juiz-presidente: — Ia dar um passeio ligeiro... Para que pediu ao *chauffeur* que cerrasse as cortinas?

O réu: — Não é verdade.

— Mas ele afirma...

— Mente!

As mãos do

Repetem-se as mesmas caras de ontem, nhoras — menos sorrisos pintados. A miser vezes, de espelho.... Na geral, porque tudo iste tibulares. O criminoso entra, como no primei e barulhenta. Palido, sombrio, traços duros um abismo. A sua serenidade concentra-se. A ge acossado com a grande audiencia de hoje, Ha três horas que está de pé, sem altivez, ma criminoso tem pitoresco, interesse e surpre com a mão esquerda, dirigida aos juizes ab beça, na contra luz. Reparo nas mãos. São Densas, grossas. Devem pesar-lhe nos pulsos co ontem estrangularam o tribunal, na simulac esconde-las. Acusam-no. Fala muito, sempre. dade, com detalhes. O facto importante desa e irreconhecivel. A acusação precisa-se.

O crime já se recorta, na atmosfera do tr roçou alguns pontos do processo, tinha esta curando o rastro da premeditação.

Uma grande explosão de lagrimas. "K até mesmo uma que mastiga rebuçados, cho intenso de amor. Mas os jornalistas sorriem, juis, pelo que disse, sorri tambem nas palav reu. Verdadeiro? Vá-se lá saber! E' esta a gr chorar, pode arrepender-se, pode gritar, pod mentira! Mas este homem hade ter uma fibra que se pode ferir, desferindo uma lagrima, m

Ha três horas que está de pé. Deram-lhe tar. Ha um atestado medico que o diz doent terrogatorio do juiz tem uma firmeza ful em contradições; mas erra factos, é lento em valem minutos, que o deprimem na atmosfe Pezada. Quando chega a vez do criminoso fal caixão... Respeitam-lhe a memoria, mas haja se ela fôsse viva... Caracter discutivel, suge ções que, no seu temperamento plebeu, gros cilmente, fatalmente.

Isto não quere dizer que a morte da actr rio vai provando, seja encoberta, em penas ciencia e justiça colectivas. A verdade, pore gamento do outro...

Neste momento, Augusto Gomes sabe mente. Mas reage. Aos 48 anos, metade da da vida, como se ela começasse amanhã, na todos os criminosos, que a liberdade, santa — negando-se!

— Já o veremos.

Outro pormenor:

O juiz-presidente: — Então não lhe disse que voltasse a cara para o lado?

O réu: — E' falso!

— Mas o sr. afirma que ele está inocente...

— Inocentissimo, sr. dr. juiz!

«E' falso!» — repete o criminoso

O juiz-presidente: — Foi o sr. que marcou o itinerario ao *chauffeur*... Já o confessou.

O réu: — Não, senhor, não é assim...

— Para que aconselhou ao *chauffeur* que désse aquelas voltas todas?

— E' falso, sr. dr. juiz! Eu não aconselhei voltas nenhumas...

— Mas porque lhe disse que o esperasse á porta do teatro Avenida? O sr. podia ter dito a João Fernandes que o fôsse esperar á saída do Parque Mayer... Era uma maneira simples de matar a questão...»

Mas não era uma maneira simples de matar a Maria Alves...

AUDIENCIA

e me insultou!„

HOJE

GOMES

errogatorio

criminoso

num frizo de anciedade. Menos se- a moral tambem cansa, e serve, ás é teatro, fisionomias alvares e pa- o dia, quando a sala está distraida le vigilia. De ontem para hoje—ha s forças enfraquecem-lhe e ele reaque lhe foi inteiramente dedicada. s forte. O mecanismo da defesa do sa. Gesticula muito, principalmente rta em garra, que lhe apanha a caormidaveis e reais. Desmezuradas. o ferro. E, como diz Rocha Martins, ão do crime. Augusto Gomes devia Perde-se em detalhes, asfixia a verarece numa pormenorisação vasta

bunal. O juís, que ontem apenas arde gesto, atitude—insistia, pro-

loch-out„ nas senhoras. Choram, ra. Augusto Gomes teve um grito escrevendo vertiginosamente, e o as com que aniquila o efeito do nde tragedia do criminoso. Pode confessar—todos dirão,—mentira! humana, que é, certamente ferida, smo que seja impura!....

agora uma cadeira para se encos-. Duvida-se. Será um "truc"? O inainante. Augusto Gomes não cai certas respostas. Ha segundos que a do tribunal que se vai criando... r da vitima, esta fica esquecida no a coragem moral de a julgar como tionando o assassino, em degradaseiro, atavico ao crime, rolaram fa-

, premeditada como o interrogatoque não exprimam estado de consn, é que o julgamento dum é o jul-

ue vai ser condenado. Inexoravelxistencia, defende o ultimo quartel legria clara do sol... Paradoxo de ara os inocentes, justifica e castiga

---

ugusto Gomes explica:
- Quando cheguei ao Matadouro...
— Ao Campo Grande?
- Não — ao Matadouro.
- O sr. matou-a desde a Praça Duque Saldanha até ao Campo Grande...
- Não é verdade! Eu não podia ter disisso! Eu tinha febre, quando prestei primeiras declarações... E depois ha- uma atmosfera contra mim...
- Não é assim. Dentro do meu gabi- a atmosfera é igual para todos os minosos.
- Não era dentro do gabinete de V. ª... Era a opinião publica... era a prensa...
diante.
- Porque marcou ao *chauffeur* um erario para lugares ermos?
- Eu disse-lhe apenas que désse umas as pelo Campo Grande.
— Sigo para a esquerda ou para a ita? — perguntou o *chauffeur*.
— Para a esquerda e depois para — respondi eu.
juiz-presidente: — O sr. não costuma usar luvas... Porque levava luvas na noite do crime?

O réu: — Eu não levava luvas.

— Afirma-o, pelo menos, nas suas primeiras declarações.

— Eram as luvas dela. Foi uma confusão...

— Não! Não! o sr. falou «das suas luvas».

— Mas eu não levava luvas...

A certa altura, fala-se de impressões digitais. O réu discute criminologia—um pouco ingenuamente.

O juiz-presidente: — João Fernandes afirma que o sr. levava luvas.

O réu: — Como pode ser!? Como pode ele ter visto que eu levava luvas!? Ele via a minha situação... todo o horror da minha vida...

Via tudo isso. Mas não podia vêr as luvas...

Uma scena de lagrimas

O dr. Magalhães Barros foca o cinismo do criminoso — a comedia que ele representou após o crime.

— O sr. devia estar arrependido...

— Como estou, sr. dr. juiz. Hei-de ter remorsos toda a vida! *(Chora e gesticula).* Essa mulher foi a minha desgraça! Eu fazia tudo por ela! Roubava, se ela me mandasse roubar! Condenem-me! Mas estou arrependido, estou mil vezes arrependido! O amôr dessa mulher persegue-me por toda a parte! Não fiz nada por cinismo... Não representei... Eu só vivia para ela... Um sorriso dela era toda a minha vida...

(Grande scena de lagrimas, que comove algumas senhoras).

O dr. Portugal:

— Basta! Basta!

O juiz-presidente: — Não chore mais... Basta... O sr. já chorou para a plateia — continue a falar para os juizes.

O réu: — Eu peço perdão a V. Ex.ª! Eu não choro mais...

E retoma tranquilamente, serenamente, a sua narrativa.

Antecedentes do crime

Conta como foi a casa da visinha, D. Amelia de Castro Neves, depois á esquadra, mais tarde á Baixa — onde pagou a renda da casa de Maria Alves — e por fim ao Governo Civil.

O dr. Magalhães de Barros insiste sobre o pormenor da renda, para deduzir dele um novo elemento constitutivo da comedia que Augusto Gomes representou depois de matar. O reu declara que pagou como costumava pagar todos os meses — sem nenhum pensamento reservado.

O juiz-presidente: — "Não é assim. Ha uma testemunha que diz o contrario". *(E lê o depoimento).*

O réu (depois de ouvir a leitura): — Não é nada disso, sr. dr. juis. E' falso. Se fosse verdade, eu dizia a v. ex.ª com toda a franqueza...

Augusto Gomes pede uma cadeira para se encostar. Continua em pé, como é da praxe. Quere apenas apoiar o braço direito.

— O sr. pode sentar-se... Tenho aqui um atestado medico que me permite...

— Muito obrigado, sr. dr. juis. Eu estou bem.

— Veja lá...

— Muito obrigado, sr. dr. juis.

Correcto, amavel, quasi educado este Augusto Gomes que hoje depõe.

Contradições de Augusto Gomes

O dr. Magalhães de Barros precisa algumas contradições, em que o acusado caiu, sôbre as joias.

O reu.—Disse, realmente, nas primeiras declarações, que as tinha deitado ao Tejo. Não era verdade. Fiz esta afirmação para poupar a mãe de meus filhos, que eu supunha que fôsse incomodada pela policia—como encobridora. Depois de saber que estava ao abrigo da lei, confessei tudo: disse que o casaco tinha sido queimado no fogão e as joias deitadas na pia. Não as encontraram. Mas eu comprometi-me a pagar as despesas, para que se fizesse uma busca no cano, onde se deviam encontrar, fatalmente, as joias.

O juiz-presidente:—E' a primeira vez que oiço esse pormenor das despesas.

—Mais ainda: eu queria fazer a busca, mas o senhorio não consentiu.

O mobil do crime

O dr. Magalhães de Barros pergunta:

—Qual foi o mobil do crime? Porque a matou?

—Porque não podia suportar a ideia de que outro homem tivesse possuido o corpo dessa mulher.

—Mas a mãe dela afirma que o mobil do crime foi o roubo...

—Não é verdade!

E vem logo em seguida a historia dumas letras, em que o reu ficou por fiador do padrasto de Maria Alves, tendo ficado sem vintem para lhe valer numa atlição. Augusto Gomes afirma que Maria Alves não tinha dinheiro. Era ele que a sustentava. E cita numeros: ganhava tanto, gastava tanto, mandei-lhe tanto...

E precisa, em linguagem forense:

—Consta dos autos...

Mais tarde:

—Não tinha necessidade de a matar para a roubar... Roubar o quê?!

—Mas o senhor estava numa situação dificil... Não tinha dinheiro... Não podia socorrê-la... Onde está o dinheiro do beneficio que a actriz Maria Alves fez no Porto?

—Já disse a v. ex.ª que ela comprou muitos vestidos no Porto, andou de automovel no Carnaval, fez muitas despesas... Um dia, ainda no Porto, eu preguntei-lhe:—"Então tu não tens dinheiro?" E ela respondeu-me: —"Dou-o á minha mãe para guardar".

Sobre o beneficio da actriz.

—Oscar Ribeiro, o emprezario dela, não lhe entregou cinco réis. Eu tambem não recebi vintem.

E o reu afirma, invocando o testemunho da costureira da actriz, que uma vez quiz fazer um deposito na Casa Tota a favor dela e da filha—a titulo de "broas„. Ao mesmo tempo, Maria Alves pedia-lhe dinheiro para socorrer a familia, numerosa e mal colocada. Ele entregou-lhe o dinheiro e não fez o deposito.

Fala de carimbos, de depositos, de scenarios — e de recibos. Os tais recibos falsificados.

O juis-presidente, depois de ouvir uma nova historia:

—Não deixa de ser uma defesa habil...

—Não é defesa, sr. dr. juis, é a expressão da verdade.

O dr. Magalhães de Barros cita-lhe outro exemplo — outro exemplo de comedia representada pelo acusado, não se sabe ainda com que objectivo.

—O réu finge-se doente, vai á farmacia, diz que partiu uma perna, entrapa-se em algodão e mete-se dentro da cama dezasete dias. Para quê?

—Para que a Maria Alves viesse a Lisboa.

O juis-presidente não aceita a expli-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

UM CASO GRAVE...

O MOTIVO por que falta a luz electrica e a ameaça de faltar ainda mais

O problema da falta de luz, em repetidas interrupções da energia electrica, está alarmando a população da capital e não admite delongas de solução.

O publico, com o seu criterio simplista, interessa-se muito relativamente com as suas causas, verificando apenas os seus efeitos:

A opinião publica, em questões desta natureza, está habituada a vêr atribuir as culpas destas crises á Camara ou ao Governo, colocando-se as Companhias á margem, o que não quere dizer que de facto, o Governo ou as Camaras, não possam, por vezes, ter uma boa parte das culpas, mesmo na melhor das intenções de aguardar uma solução juridica ou material.

O caso é que a falta de luz a horas determinadas—a hora mais importante da vida duma cidade—não se resolve. E mais ainda, segundo abaixo dizemos, tende a agravar-se.

Procurámos hoje alguem das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade que nos disse:

—As interrupções de energia electrica estavam rigorosa e tecnicamente previstas pelo aumento de consumo no centro da cidade. Com tempo, para estarmos preparados para o consumo maximo durante o inverno e ainda para não serem as obras prejudicadas pela chuva, encetámos deligencias, junto da Camara e em maio proximo passado, a fim de nos ser permitido abrir trincheiras para reforçar cabos e colocar distribuidores.

Em julho, já apertando o tempo e vendo a aproximação do agravamento de consumo, instámos por escrito, o que voltámos a fazer em agosto.

—A Camara...

—A Camara ainda não autorisou e as Companhias Reunidas não vêm como solucionar uma situação que tende a agravar-se e que não teve ainda mais demorados efeitos porque, felizmente, não se têm registado avarias.

—Mas a falta de luz....

—A falta de luz é devida a exceder o consumo as possibilidades de energia dos cabos existentes. Os nossos cabos atingiram tecnicamente o maximo e sem novos cabos não podemos fazer frente ao aumento de consumo no centro da cidade. Repito que previmos tudo e, por nos parecer facil e logica a autorisação para novos cabos, prevenimo-nos com milhares de libras de material que espera uma solução, egualmente esperada pela população de Lisboa.

* * *

Depois de realizada esta entrevista, conseguimos avistar o sr. comandante Quirino da Fonseca, de quem não lográmos declarações que interessem o publico.

Berta Contreiras Proença

Faleceu a noite passada a filhinha do escritor sr. Raul Proença, e a cuja doença ontem fizemos referencia. Enviamos ao ilustre homem de letras, actualmente em Paris, o nosso mais sentido pezame.

O enterro da desditosa menina realiza-se ámanhã, ás 16 horas, da Avenida de Berne, n.º 6, para o Alto de S. João.

O Grupo da "Seara Nova" convida todos os seus componentes e colaboradores a encorporarem-se no funeral da menina Berta Contreiras Proença, filha do seu querido amigo sr. Raul Proença.

Historia de Portugal

EDIÇÃO MONUMENTAL, PROFUSAMENTE ILUSTRADA

DIRECÇÃO LITERARIA de

DOUTOR DAMIÃO PERES

Professor de Historia de Portugal na Universidade do Porto
Director da Faculdade de Letras e Director do Arquivo Historico do Porto

DIRECÇÃO ARTISTICA de

ELEUTERIO CERDEIRA

Professor de Historia da Arte e de Artes Graficas na Escola Industrial do Infante D. Henrique e Director-Adjunto do Arquivo Historico do Porto

com a colaboração dos mais eminentes historiadores e artistas portugueses

Esta publicação iniciar-se-ha em Janeiro de 1928, em fasciculos de 48 paginas, com um cromo fóra de texto, impressa em optimo papel semi-"couché" de fabrico especial, em formato manuseável 0,21 × 0,30.

A venda será **exclusivamente** reservada aos assinantes.

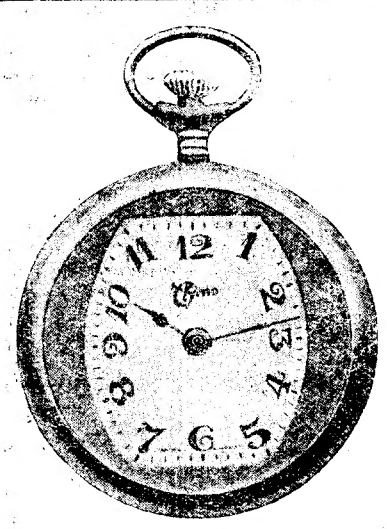
Pedir prospectos e boletins de assinatura á

Portucalense Editora, Limitada

Rua D. Antonio Barroso ——— BARCELOS

Aceitam-se agentes e angariadores de assinaturas em todas as terras do Pais e de possessões portuguesas, em que a empresa ainda as não tenha, desde que deem boas referencias.

A's Livrarias que queiram encarregar-se da venda por assinatura ser-lhehão concedidas as regalias habituais de consignação.



Quere um **relogio** suisso, lindo, **de graça?**

Assine o romance

"Redenção"

NOVA EMPREZA NACIONAL EDITORA

P. dos Restauradores, 13, 1.° — LISBOA

Materiais de Construção

Telha «IBERICA» (Tipo Marselha)	MANILHAS DE GRÉS
» de «Canudo» (» Português)	» DE BARRO
MOSAICOS	Tijolos para construção
LADRILHOS	» Curves para Poços e Chaminés
Tijolo de barro refractario	Azulejos Brancos pintados, Santos, Numeros, Letreiros—PANNEAUX DE AZULEJOS
Barro »	
Tijoleiras de » »	

Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania

ANTIGA FABRICA BESSIERE

Rua do Arco do Cego, 88 — Campo Pequeno

Telefone 547 — Norte — Lisboa — Telegramas: — EREISSEB

POLICLINICA DO RATO

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1,

TELEF. N. 1200

Dr. Antonio Monteiro — 11 horas — Clinica geral, senhoras, creanças e partos.

Dr. Julio Gonçalves — 13 horas — Bôca e dentes.

Dr. Lourenço Raimundo — 14 horas — Rins e vias urinarias.

Dr. Antonio Fernandes — 11 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Saraiva — 15 e meia — Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Moraes Sarmento — 16 horas — Ginecologia e operações.

Dr. Ruivai Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sifilis.

Dr. José Crespo — 17 e meia — Clinica medica, estomago, intestinos e figado.

Dr. Aleu Saldanha Cruz — Raios X.

Analises clinicas, electroterapia maçagem e ginastica medica

POLICLINICA DO INTENDENTE

ALMIRANTE REIS, 27, 2.° — Telefone N.° 2989-N.

Dr. Abel Alves — Ouvidos, nariz e [illegible]
Dr. Almeida Dias — Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves — Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins — Doenças das senhoras, ás 17
Dr. Armando Formigal Luzes — Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco — Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes — Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique — Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca — Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes — Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Rosa — Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva — Analises clinicas, Vacinas, ás 11.
Dr. Pereira Varela — Doenças da bôca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda — Clinica medica, doenças do pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim — Cirurgia geral, operações

V. Ex.ª encontra na **"GERMANA"** os ultimos figurinos, assim como todos os artigos de papelaria.

Rua do Mundo, 115

TRINDADE

Telef. T. 976

Comp.ª Lucilia Simões **HOJE**

Repres. da comedia em 4 actos de LUIZ VERNEUIL, trad. de ACURCIO PEREIRA

O fauteuil 47

TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

HOJE A's 21,30

— A representação da revista —

Agua-pé

Péles

CASA SALGADO

5-Rua dos Correeiros-7

(Perto da Rua dos Retroseiros)

SORTIDO COMPLETO

PREÇOS REDUZIDOS

---

†

Berta Contreiras Sangremann Proença

FALECEU

Raul Proença, Teolinda Contreiras Sangremann Proença, Elisa Sangremann Proença, Manuel Francisco Contreiras, Raquel, Laura, Ester e Ilda Sangremann Proença, Luis Sangremann Proença e esposa, Emilia e Rita Sangremann Proença, Carlos Proença e esposa, Francisco Contreiras Pires e irmãos, participam a todas as pessoas de familia e suas relações, o falecimento da sua estremecida filha, neta, irmã e sobrinha Berta Contreiras Sangremann Proença, e que o seu funeral se realizará amanhã, quarta feira, 23, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da Avenida de Berne, n.º 16, 3.º andar, para o cemiterio do Alto de S. João,

---

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 21,15—«O fauteuil 47».
Gymnasio—A's 9,30—«Mademoiselle Pouche».
Avenida—A's 21,30—«Agua-pé».
Maria Victoria—20,30 e 22,30—«O grão de bico».
Coliseu—A's 21—Companhia de Circo.

ANIMATOGRAFOS

Odeon—A's 21.
Politeama—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Tivoli—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 20,30.
Salão Ideal—A's 20,30.
Cinema Tenor Romão—A's 8,30—Segundas, quartas, sabados e domingos.

Policlinica DA RUA DO OURO

Entrada Rua do Carmo, 98, 2.°

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—[illegible] h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e [illegible]
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 [illegible]
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Pello—3 h.
Utero e anexos—Dr. C. Afonso—ás 2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—1 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—[illegible] h.

Sortes grandes?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

PIANOS

e

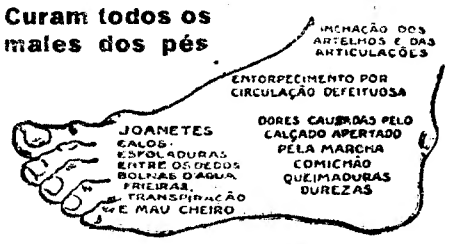
Autopianos
Rolos
Musicas.

Gramofones — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

SAES «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés



A venda em todas as farmacias e drogarias

Deposito: **MARIO BRANDÃO**

r. Nova de S. Domingos, 9-Lisboa

N. B.—Exijam os verdadeiros Saes «DERMOXA» e recusem as imitações que nao têm nenhum valor curativo.—Laboratoire: J. NANTE, 92, Avenue Gambetta—Paris.

ESCOVAS SOR

Para limpeza, saude e bem estar dos cães e dos cavalos

Inventadas unicamente para esse fim e adoptadas pelos principais veterinarios do mundo.

Estas maravilhosas escovas cujos pelos são de seda de chifre, possuem um dispositivo especial devido ao qual podem conter no interior um liquido desinfectante

SOR

Este quido escoando-se por capilaridade permite a escova fazer simultaneamente uma limpeza vulgar e uma desinfecção perfeita da pele do animal, livrando-a de todas as doenças e de todos os parasitas, dando ao pêlo um brilho incomparavel.

Recomendadas pela Escola Veterinaria d'Alfort (França) e pelo Veterinary Record (Londres).

A' venda nas principais casas

Agentes exclusivos para Portugal e Colonias

Stetten & C.ª, Ltd.

R. da Madalena, 119, 2.°, esq.

TELEF. C. 2869

Se V. Ex.ª deseja um bom charuto e por modico preço deve exigir a marca
«EDO DEL MONTE
Charutos desde $80
A venda em todas as boas tabacarias

ESTRANGEIRO

Dr.ª Deolinda Reis
Ex-assistente da Clinica Cirurgica da Faculd. de Medicina de Lisboa
— Doenças das senhoras — Clinica geral —
Consultas das 16 ás 18 h.
Consultorio: R. do Ouro, 178, 2.°—Tel. C. 2516

O QUE VAI LA POR FÓRA

POEIRA DO MUNDO

Da Inglaterra

LONDRES, 22

Em virtude de ter rebentado o cano principal condutor da agua, esta invadiu a escadaria da estação de Gloucester do metropolitano de Londres.

A estação ficou completamente inundada, tendo os passageiros, que ficaram bloqueados, de ser retirados por diversos «tramways» para ponto seguro.

Só foi possivel normalisar o serviço uma hora depois. — (L.)

O «Evening Standart» mostra-se esperançado em que a proxima reunião em Genebra da Conferencia do desarmamento condusa a uma reconciliação anglo-russa, restabelecendo-se as relações comerciais entre os dois paises. — (L.)

Em consequencia dum acidente de caça, proximo de Selkerke, ficou gravemente ferida a filha do Duque de Buccleuch Thrown, lady Mary Scott.—(L.)

Da Italia

ROMA, 22

Foi assinado um decreto expulsando de Italia o general Roberto Bencivenga, a quem fôram apreendidos documentos comprometedores e que é tambem acusado de propaganda subversiva. — (L.)

MILÃO, 22

Faleceu o editor Pietro Vallardi. — (L.)

Da Alemanha

BERLIM, 22

O governo alemão declarou que conseguirá o equilibrio orçamental sem recorrer a emprestimos. — (L.)

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

TAL QUAL COMO NOS «FILMS»...

Os franceses

QUE ESTIVERAM CAPTIVOS

dos bandidos marroquinos

relatam a sua aventura

Findou o captiveiro das personagens francesas que, como aqui noticiámos, foram assaltadas pelos mouros quando, contra as instruções recebidas do Alto Comissario Steeg, cometeram a imprudencia de se internarem em zonas consideradas perigosas.

Madames Steinhel e Prokoroff, Jean Maidlet e o sobrinho de Steeg, os excursionistas imprudentes, contam assim a sua extranha aventura marroquina:

—Era já noite quando nos internámos na direcção de Deroua e fomos atacados por sete bandidos. Ao principio não percebemos do que se tratava, mas tivemos que nos render á evidencia. Os assaltantes mantiveram-nos em respeito com a ameaça das armas e obrigaram-nos a conduzir o automovel á clareira onde foi depois encontrado. Ai começaram por matar o cãosinho de Madame Steinhel, furando-lhe o ventre. Depois trataram de nos internar na montanha para ai passarmos a noite, escapando aos socorros que, logicamente, esperavamos receber quando dessem pela nossa falta.

Os bandidos não calcularam de momento a importancia do negocio que para eles representava o nosso captiveiro. Parece mesmo que se enganaram, supondo capturar um negociante de tabaco que lhes não é simpatico.

Foram varios desertores refugiados na montanha que os elucidaram sôbre a nossa identidade e lhes aconselharam a importancia que deviam pedir pela nossa liberdade.

Abandonado o automovel na clareira, obrigaram-nos a caminhar a pé toda a noite, não parando até ás duas horas da tarde do dia seguinte.

Todos nós, e as senhoras especialmente, nos encontravamos extenuados, sem que os bandidos se compadecessem.

Quando retardavamos a marcha picavam-nos com as pontas dos punhais e das baionetas, porque tambem tinham espingardas francesas.

Ainda ignorando quem éramos, e não contentes de nos martirisarem, pensaram em matar-nos, desconfiando do negocio do nosso cativeiro.

Encerrados em sitio seguro para eles, passámos a sofrer ameaças diarias e se escrevíamos o contrario era apenas para não agravar a situação.

Um dia lançaram-nos correntes aos pés e só as tiraram ante os rogos e os chóros das senhoras. A não ser por estas teriamos tentado a evasão, mas, uma noite que o quizemos fazer, foi dado o grito de alerta e travou-se um combate a que só homens podia resistir.

Estavamos desesperados e já em completa nudez, quando chegou a libertação.

De toda a aventura fica uma lição para os excursionistas que pensarem na imprudencia de se internarem em zonas perigosas de Marrocos.

E o Alto-Comissario francês em Marrocos, libertos os cativos, prepára represelias para não deixar aos rebeldes a impressão *de que pódem repetir "negocios„ semelhantes.*

O QUE VAI LA POR FÓRA

POEIRA DO MUNDO

Da França

PARIS, 22

O consul sueco em Paris, Harald Grebst, alvejou a tiro sua esposa e suicidou-se.

Foi preso e entregue ás autoridades militares o deputado Pensio por haver favorecido a fuga de elementos anti-fascistas. — (L.)

A legação georgeana em Paris nega qualquer comparticipação do seu país na fabricação de notas falsas do Banco da Russia. — (L.)

Sentiram-se ontem pequenos abalos de terra nos arredores de Paris, na Normandia, no norte de Italia e na Asia Menor. — (L.)

Da Australia

MELBOURNE, 22

Declararam-se ontem em gréve, em consequencia do tribunal arbitral haver decidido contra a sua pretenção de aumento de salarios, 1.700 carregadores de terra e mar.

Como consequencia do facto, receiam-se alterações de ordem publica.

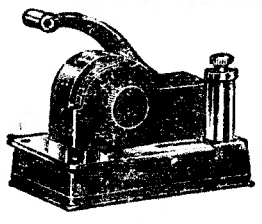
As empresas maritimas declararam, num relatorio, que os descarregadores estão violando em todos os portos da Australia a sentença do tribunal, no que respeita a horas de trabalho. — (L.)

Cabeleireiro de Santo Antão
Vicente, Vicente & Baltazar
Participa ás suas Ex.mas Clientes, que o nosso estabelecimento reabriu com novas instalações e com os seus preços reduzidos; pinturas de cabelo em todas as côres 20$00 escudos, corte 5$00, ondulação Marcel 7$50, lavagem 5$00, manucure 6$00, trabalhos em postiços para senhora e toupets para homem.
Rua Eugenio dos Santos n.° 15, 1.°—Tel. N. 207

PAIGE 8 cylindros em linha
O unico automovel americano com quatro velocidades: A 3.ª silenciosa como a prise, por carrêtes de dentadura interna, 140 kilometros á hora. Muito brevemente em exposição um sedan 5 lug. grande luxo.
Representante: J. COELHO PACHECO — Garage e exposição: 29, Praça Duque de Saldanha e 26-B, Av. Duque d'Avila — LISBOA

LEITE
Empresa Distribuidora de Leite Puro, Esterilisado, aos domicilios, em bilhas Seladas, por pessoal uniformisado e Fiscalizado por empregados da Empresa.
LITRO 2$00
O publico pode adquirir leite de puresa garantida, dando-nos as suas encomendas.
AOS EXCELENTISSIMOS MEDICOS: Pomos á sua disposição amostras de leite para analisarem e das vazilhas á sua escolha.
A distribuição e vendas será iniciada no 1.° de Dezembro. Recebem-se desde já inscrições, bastando enviar um postal para os escritorios da Empresa, Rua do Comercio, 29, 3.°, ou pelo Telefone C. 605.

No ar, Na terra e No mar
Todos fumam os cigarros Belgas «Thevenet»
"Brises du Nil"
Sem ponta..... Maço 20 cigarros Escudos 4$00
Ponta cortiça..... » » » » 4$50
» metalica..... Lata » » » 5$00
Brindes a todos os fumadores
A' venda em todas as tabacarias.
Unic. Imp. ANTONIO N. COELHO SERRA
R. dos Caminhos de Ferro, 86—LISBOA



AVISO AO COMERCIO
E' preciso segurar imediatamente o vosso dinheiro, prefurando todos os vossos cheques com a maquina
TODD PERSONAL
Agente Geral: — J. GONÇALVES
RUA DO CARMO, 10 — LISBOA — RUA 1.° DE DEZEMBRO, 60

Au Renard Argenté
Confecções de peles em todos os generos, modificações ou concertos, execução rapida, preços sem competencia,
peles avulso para guarnições
RUA DE S. NICOLAU, 13, 3.°

MOBILIARIO
Grande sortido em todos os generos e para todos os preços — CASAS DE JANTAR a 1.600$00 — QUARTOS a 2.800$00 — ESCRITORIOS a 1.400$00 — Uma casa completa: 3 MOBILIAS, 21 peças com lindos aplicados, 6.500$00 — Mobilias estofadas, camas para pessoa, casal e creança, berços, cadeiras carrinho, camas de ferro, lavatorios, tapetes, oleados, etc., por preços sem competencia.
ARMAZENS DE MOVEIS DE SOUSA E BRITO
RUA DA ROSA, 190
(Electrico P. Rio de Janeiro)

A SEGUNDA AUDIENCIA

Uma acareação movimentada entre Augusto Gomes e o «chauffeur» João Fernandes

(Continuação da pagina central)

cação como boa e refere-se a uma noticia do *Seculo*, de então, em que se fala da morte de um caixeiro.

O réu: — No dia em que o caixeiro foi morto, estava eu á pancada ao Carlos Alves, no Porto.

—Ai está o perigo dessas comedias que o senhor arranja á sua volta...

—Eu fazia tudo por ela, sr. dr. juiz! Eu era um imbecil, um doido, um parvo apaixonado por ela!

Volta á tela da discussão a historia dos "recibos falsos„ dos talões dos depositos que Augusto Gomes não fez, tendo recebido o dinheiro de Maria Alves. Esses talões estavam em poder de Maria Alves—no escritorio—e a filha dela, após a morte da mãe, levou-os á Casa Tota, onde lhe disseram que era tudo falso.

—Interrogado por ela, prossegue o sr. dr. Magalhães de Barros, o senhor declara que se trata duma brincadeira e que os recibos não têm importancia. E rasga os recibos...

—Não rasguei, sr. dr. juiz.

—Ha uma testemunha que o afirma. Depois se verá.

E o juiz-presidente esclarece este ponto do interrogatorio:

—Insisto sôbre este pormenor, porque a acusação vai dizer que o senhor matou para destruir a prova da falsificação.

O dr. Bustorff inclina a cabeça, em sinal de assentimento.

—Não foi então para a roubar que matou a Maria Alves?

—Eu ia roubar para ela, sr. dr. juiz, se ela me mandasse. Não me digam que a matei para a roubar!... Pelo amor de Deus!...

—O senhor, então, matou por amor?

—Sim, senhor.

As cartas do emprezario

O dr. Magalhães de Barros foca agora o caso das cartas: uma em que ele lhe chama "minha santa e adorada amante" e outra em que lhe aconselha a que se entregue a varios homens por dinheiro. E ambas as cartas são escritas no mesmo dia.

—Porquê?

Augusto Gomes conta mais uma historia e diz que escrevia cartas á amante, em nome doutras pessoas para a experimentar.

—Alguns amigos chegaram a dizer-me, no Porto, que sobre honestidade ela era "um brilhante de primeira agua„. E por isso eu me ufanava. Mas a carne é fraca....

—Mas vamos ao que o senhor dizia nas cartas.... Aconselhava-a a entregar-se a varios homens, mas não fala no nome de Carlos Alves....

Augusto Gomes, rapidamente, atrapalhadamente, defende-se.

O juiz-presidente insiste:

—Se o senhor a aconselhava a entregar-se a outros homens, por dinheiro, porque a matou quando ela chegou a Lisboa e lhe confessou a sua traição? Os seus ciumes só eram de Carlos Alves.... Podia entregar-se a toda a gente menos a Carlos Alves.... Que moral é a sua, Augusto Gomes!?

O reu explica:

—Eu digo a v. ex.ª Eu já lhe tinha dito muitas vezes: "Maria, se um dia tu encontrares no teu caminho um homem que faça a tua felidade...„ *(a frase já é sobajamente conhecida)*. Matei-a porque me insultou.

Nesta altura, levanta-se um ligeiro incidente. O Ministerio Publico requere a leitura de uma carta. O advogado de defesa ameaça requerer a leitura de 83 cartas que estão juntas ao processo, se fôr deferido o requerimento do M. P. O dr. Abraão de Carvalho não desiste.

O juiz-presidente acha desnecessaria a leitura da carta, que serviria apenas de gaudio ao Tribunal e em nada aproveitaria á acusação.

Consultado o advogado de acusação, este respondeu que se submetia ao criterio do juiz. O dr. Magalhães de Barros interroga novamente o reu.

—Nessa carta, o reu aconselhava Maria Alves a entregar-se a varios homens?

Augusto Gomes responde:

—Preveni-a de que não prevaricasse sem me avisar e que tivesse cuidado com a gente de teatro, porque prometia muito e não dava nada.

Todos se deram por satisfeitos—mesmo a acusação—e a audiencia foi interrompida por cinco minutos, para descanso do Tribunal.

Reaberta a audiencia, o dr. Ramada Curto pede venia para formular as seguintes preguntas:

—Quando deixaram o corpo da Maria Alves na rua Francisco Foreiro, quem pegou pela cabeça e quem pegou pelos pés?

O reu:—Eu peguei pela cabeça.

—Em que posição colocaram o corpo no chão?

O reu:—Não o colocámos. Deixámo-lo cair, porque sentimos vozes.

—Quando foi que Miquelina do Amaral soube que tinha sido o reu o criminoso?

—Quando me foi levantada a incomunicabilidade, depois da minha prisão.

O juiz-presidente.—Mas o sr. não diz isso no processo...

—Em que lugar foi que o reu queimou o casaco de peles de Maria Alves?

O reu:—Na cosinha.

—Onde estava Miquelina do Amaral, quando o reu queimou o casaco?

O reu:—Do outro lado da casa.

O juiz-presidente—O senhor afirma, nas suas declarações, que ela assistiu á queima do casaco...

O reu:—Não disse isso, sr. juiz. Disse apenas, para me defender, que ela tinha visto quebrar as joias, mas depois restabeleci a verdade.

Sobre o ciume, o reu declara:

—Eu não queria que ela se risse para a plateia ou olhasse para este e para aquele...

—Mas não tinha poder sobre ela para lhe impôr a sua vontade?

Augusto Gomes não responde directamente.

—Mas as informações do Porto não lhe diziam que ela lhe era infiel?

—Pelo contrario, sr. dr. juiz. Não havia nada de concreto. Os meus amigos diziam-me que as minhas suspeitas não tinham fundamento. Afirmavam que era tudo invenção de Carlos Alves, para se vingar "da dôr„ que tinha por ela.

—O que é que o sr. queria dizer com esta frase:—"Ou tu me confessas tudo, ou eu faço a tua e a minha desgraça„?

—E' que eu era muito desgraçado.. Eu não podia viver sem ela...

—E agora pode?

—Infelizmente.

—Não quero mais nada.

O interrogatorio do "chauffeur"

A's 16 e 5, entra na sala o "chauffeur„ João Fernandes.

O juiz-presidente:—O que tem a dizer sobre a acusação de encobridor que lhe é feita?

O "chauffeur„ conta:

—No dia 30 de março, eu estava descançado em minha casa, quando minha mulher me preveniu de que o sr. Augusto Gomes me queria falar. Mandei entrar para outra sala. O sr. Gomes disse que precisava de mim—duma pessoa de confiança—para um serviço importante. Marcou-me um encontro em frente do teatro Avenida. Cerrei as cortinas, por supôr que se tratava de uma aventura amorosa...

"Fui. Enquanto esperava, afastei-me do carro e quando cheguei, Augusto Gomes estava junto do carro e tinha levantado as cortinas do lado, dizendo que só as da frente deviam ir cerradas...

Chega Maria Alves. Segue-se o passeio ao Campo Grande. O *chauffeur* conta o que toda a gente sabe e frisa o pormenor das luvas. Augusto Gomes ia de luvas calçadas.

Afirma com energia:

—Garanto a v. ex.ª que foi ele, sosinho, que atirou fora o cadaver! Não o ajudei, porque ele não me pediu. Se me tivesse pedido, ajudava-o, porque estava cheio de medo! Esta é que é a verdade. O resto é uma calunia.

Conta o episodio do dr. Berens Freire. Relatou-lhe tudo. O advogado aconselhou-o a ir ao Governo Civil—só quando a Policia o chamasse.

Vendo as reportagens dos jornais, procurou de novo o advogado e preguntou-lhe:

"—Sr. doutor: ainda não é a altura de eu ir ao Governo Civil?„

"—Ainda não—respondeu ele. Foi então que dois colegas meus me perguntaram o que sabia do caso de Maria Alves. Respondi-lhes que sabia tudo".

Vem depois a sua ida ao Governo Civil, a confissão. O *chauffeur* esclarece:

—Augusto Gomes disse então na minha frente, em pleno Governo Civil, que eu estava completamente inocente e que ele sósinho tinha atirado o cadaver á rua.

Todo este depoimento é feito com simplicidade e com convicção. Augusto Gomes tem os olhos baixos—pela primeira vez.

Insiste o juis-presidente:

—O sr. afirma que tinha medo... Medo de quê?

—Medo dele, porque me ameaçou. "Perdido por um, perdido por mil". Ele estava como louco, tremia...

—Mas ele aconselhou-lhe calma?

—Aconselhou, é certo, mas ele tambem não estava calmo.

Este episodio é localisado na rua da Beneficencia ao Rego—sitio ermo, onde o *chauffeur* receava uma violencia do homem que tinha assassinado.

—Mas porque não levou o carro a uma esquadra de policia?

—Tinha mêdo.

—Porque não parou junto duma patrulha, junto dalguem que passava?

—Eu não via ninguem. Ele é que me dizia:—"Segue, que vem gente.„ Mas eu não via... não podia vêr...

Mais tarde:

—Eu receava que ele me matasse, ou que me acusasse de ter praticado o crime.

—Não houve uma altura em que fez marcha atrás?

—Não, senhor.

—Porque não parou com o carro na ocasião em que Maria Alves bateu nos vidros e tentou fugir?

—Não bateu nos vidros. Se tivesse batido teria parado.

—O senhor pegou no cadaver pelas pernas, segundo afirma Augusto Gomes.

—Isso é uma das maiores calunias do sr. Gomes!

E confessa que, quando passou na rua Francisco Foreiro, Gomes lhe pediu que abrandasse a marcha. Abrandou—e foi então que ele deitou o cadaver fora. O carro não chegou a parar.

O juiz-presidente:—Porque não se apresentou logo á policia, quando soube que era procurado?

O reu:—Eu ainda não sabia.... Soube mais tarde....

A acareação

Voltando ao Campo Grande, em plena acareação:

—Não sentiu então que Maria Alves batia nos vidros e tentava fugir?

—Não senti. O carro ia a grande velocidade.

E o "chauffeur" precisa novamente as suas declarações, nos pontos em que se contradizem com as de Augusto Gomes.

Um diz:

—E' a expressão da verdade!

O outro diz:

—E' falso!

E cada qual mantém as suas declarações. A acareação prolonga-se.

A certa altura, pela primeira vez, voltam-se um para o outro. Conversam:

O chauffeur:—Diga a verdade... Dizer a verdade não lhe fica mal...

Augusto Gomes:—Esta é que é a verdade, João.

O chauffeur:—Não é... o sr. sabe que não é... Diga a verdade...

O juiz-presidente termina a acareação, que resulta inutil.

O Ministerio Publico pregunta ainda:

—O réu João Fernandes não passou por uma patrulha ou por um policia?

—Não me recordo... Não vi nenhuma patrulha.

Augusto Gomes esclarece:

—Era natural que não a tivesse visto, no estado de excitação em que ia.

O chauffeur, em acareação, nega igualmente que tivesse pegado no cadaver. Novo dialogo entre os dois, mais vivo, mais movimentado, mais interessante.

O juiz-presidente (dirigindo-se a Augusto Gomes):—Ele olha para si, o senhor não olha para ele.

—Olho, sim, senhor.

Um diz:

—E' falso!

O outro diz:

—E' mentira!

Gomes vai mais longe e diz:

—E' mil vezes mentira!

Estão um em frente do outro. Gesticulam. Increpam-se. Não chegam a insultar-se. O publico toma calor. O dr. Magalhães Barros dá por finda esta nova fase da acareação.

O dr. Portugal insiste sobre o lançamento do cadaver. A certa altura, Augusto Gomes diz:

—Eu tive que a largar...

(Risos na assistencia).

O dr. Portugal:—O sr. teve que a largar...

Augusto Gomes:—Tive que a largar... pela minha parte.

O Ministerio Publico:—Durante o tempo em que teve relações intimas com Maria Alves contava-lhe os segredos da sua vida?

O réu:—Só da minha vida comercial.

A audiencia foi encerrada quasi de noite. Amanhã, iniciam-se as obras de iluminação da sala. A audiencia reabre ás 13 horas.

Fume Um Camel!

Odéon telefone N. 3703

HOJE ÁS 21 HORAS
O CIRCO DO DIABO
com Norma Shearer
O Rei do Bluff
com Claire Windsor e Owen Moore
AMANHÃ
A TORRENTE
com Greta Garbo
orquestra sob a direcção de RENÉ BOHET